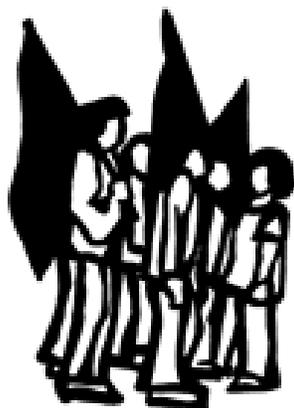


CADERNO DE FORMAÇÃO N° 3

Atuação anarquista no nível social: Entidades de base e Tendência



Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás

Atuação anarquista no nível social: Entidades de base e Tendência

Este pequeno caderno trata sobre instrumentos libertários para o nível social, o nível da luta popular. Temos como objetivo aqui compreender as características dos organismos populares que uma organização anarquista pode impulsionar para fazer avançar o processo de protagonismo popular rumo a uma sociedade libertária.

O nível social é o nível da organização popular, o nível da luta da classe oprimida. É o principal nível de atuação da organização anarquista.

Precisamos compreender as características dos organismos populares que uma organização anarquista pode impulsionar para fazer avançar o processo de protagonismo popular rumo a uma sociedade libertária.

O nível social possui algumas características específicas decorrentes da realidade das classes exploradas no interior do sistema capitalista.

Na sociedade capitalista, somente uma minoria de homens e mulheres se apegam às idéias. A maior parte deles só é arrastada pela força dos fatos, só compreendem os seus males quotidianos e imediatos e não as causas gerais destes males. Isto é mais verdade em meios não intelectuais como o meio dos explorados, que em sua maioria estão excluídos da produção de conhecimento científico.

Condenada a viver do nosso trabalho em troca de migalhas, a nossa classe tem pouco tempo para se dedicar a estudos intelectuais e ao aprofundamento do conhecimento da sociedade em que vivemos. Compreendemos assim muito mais as conseqüências do capitalismo, que sentimos na pele, do que suas causas e seu funcionamento.

Desta forma, os organismos da luta popular devem ter como ponto de partida os fatos, a realidade concreta, os problemas que afetam diretamente a classe explorada. Eles devem estar firmados nas reivindicações concretas de nossa classe.

Estando firmadas na luta concreta, os organismos populares podem ter diferentes graus de aprofundamento político e exigência militante. Podemos falar em dois níveis especificamente: o nível de entidade de base ou movimento social, por um lado, e, por outro, o nível de tendência.

Neste caderno, tratamos primeiramente de definir estes dois organismos do nível social, explicando suas características e sua importância para o programa da organização anarquista.

Em anexo, achamos relevante colocar a tradução que fizemos de três textos sobre tendência da FAU. O primeiro é uma memória de Juan Carlos Mechoso, militante anarquista fundador da FAU. O segundo e o terceiro são documentos históricos da FAU chamados “Sindicato e Tendência.”

1) Entidade de Base ou Movimento Social

Quando falamos de entidade de base, estamos nos referindo às entidades que representam um grupo social específico. Por exemplo, o sindicato dos ferroviários, é uma entidade aglutinadora dos ferroviários; o CA de história da Universidade X, aglutina os estudantes de história desta universidade, o Sindicatos dos trabalhadores rurais aglutinam os trabalhadores rurais e assim por diante.

A primeira característica específica das entidades de base é que elas devem estar abertas a todos os membros do grupo social que pretendem aglutinar. Um sindicato dos professores do Estado assim é aberto a todos os professores da rede estadual que quiserem se sindicalizar e participar. Sua aglutinação não se dá por opção política ou ideológica, mas pela condição da categoria, pelo pertencimento a um grupo social.

A segunda característica das entidades de base, que decorrem desta primeira, está no fato de que nas entidades de base estão presentes as mais diversas opiniões e orientações políticas e ideológicas. Não há unidade de concepção política em uma entidade de base.

Decorrente disto, na medida em que nas entidades de base se sai do âmbito econômico e concreto, é normal haver uma divisão plena. É comum que toda uma categoria de trabalhadores esteja em consenso em lutar por aumento de salários. Porém, na medida em que se pretende discutir as estratégias a longo prazo do sindicato, ou ainda mais profundamente, o objetivo finalista, a sociedade em que se pretende chegar, o consenso se ruirá.

Desta forma, em uma entidade de base horizontal, como achamos que deve ser, a posição predominante será aquela que corresponder à maioria dos seus membros. Se um grêmio estudantil optar pela ação direta como única arma, esta posição será tomada porque corresponde à maioria dos estudantes. Entretanto, e aí se encontra uma outra característica da entidade de base, ela é muito flexível, pois sua posição muda de acordo com a mudança do jogo da maioria.

Assim, a entidade de base não pode ser um instrumento revolucionário sólido. Primeiro, porque ela em tempos comuns não consegue avançar muito além da luta econômica, e em segundo lugar, ela é bastante flexível, oscilando de tempos em tempos suas posições.

Uma outra característica da entidade de base está no desnível dos militantes. É comum que na atual realidade capitalista, os militantes de uma entidade possuam graus bastantes distintos de compromisso e habilidade para a luta popular. Em um sindicato X, existem trabalhadores que estão na linha de frente da luta e organização, participando ativamente de todas as instâncias de participação e organização e impulsionando a mobilização dos trabalhadores, enquanto existem outros que oscilam a sua participação. Isto não significa que a entidade de base é naturalmente hierárquica, mas que, pelo contrário, se ela não se organiza de forma horizontal, garantindo distintas instâncias de participação e decisão, garantindo espaços amplos de decisão, a formação de uma hierarquia é facilmente realizável. De toda forma, o grau de exigência militante de uma entidade de base não deve ser alto. Não se pode cobrar uma militância disciplinada para todos os seus membros.

O fato de que estas entidades não são instrumentos revolucionários sólidos significa que devemos abandonar a nossa inserção nelas? Pelo contrário. A entidade de base é fundamental. Quando permeada pela metodologia libertária horizontal, autônoma e combativa, ela é um instrumento de aglutinação dos grupos sociais que lhes correspondem. Ela é um espaço fundamental para gerar a solidariedade na luta econômica e concreta de cada grupo social e possui, em determinadas condições, um poder de luta maior do que qualquer outro organismo. Justamente porque a entidade de base aglutina toda a categoria, em torno das questões que dizem respeito a todos os membros dela. Embora percam em termos de rumos políticos para a luta, as entidades de base são geralmente as que fornecem o peso social, a força popular para a luta.

É claro que quando falamos de entidade de base não estamos nos referindo somente às entidades já existentes. Em um bairro, quando a associação de bairro é inviável para se tornar um veículo de auto-organização dos moradores para a luta, os anarquistas devem saber estimular a criação de outros organismos de bases, como os comitês de luta. Estes, são entidades de base que pretendem aglutinar um grupo social e como toda entidade de base possui as mesmas características de não serem um instrumento revolucionário sólido, mas um instrumento de organização e luta popular extremamente necessário para a revolução social.

Mas, como devem atuar os anarquistas nas entidades de base? Devemos primeiramente ter em mente que as entidades de base devem estar firmadas nas questões concretas. Devemos partir dos fatos, das reivindicações concretas e não de idéias abstratas. A ideologia, seja anarquista, socialista ou reformista, divide a classe. Cada um tem a sua ou não tem nenhuma definida. Se colocamos a ideologia como exigência para uma entidade de base, enfraquecemos o movimento e o tornamos incapaz de travar lutas.

Isto significa que a entidade de base deve sempre se reduzir a questões concretas, a um economicismo da luta, sem construir programas políticos, pensar estratégia a longo prazo e etc? Longe de nós tal idéia. Para nós anarquistas, as entidades de base têm que conquistar um caráter cada vez mais combativo e revolucionário. Os anarquistas têm que atuar nas entidades de base, impulsionando a luta até onde seja “legítima e possível”. Como disse a FAU sobre a atuação nos sindicatos, “tem que chegar o mais longe que se possa, porém, não tão longe de forma que fique isolado... Nem para frear artificialmente como faz o reformismo, nem para querer levar artificialmente aonde o conjunto de trabalhadores não quer ir, como, às vezes, fazem os que se tornam cegos com os seus próprios desejos e não vêem o que as pessoas querem.”

Assim, partindo da luta concreta, os anarquistas devem impulsionar a entidade até o máximo combativo e revolucionário que ela puder. O movimento social deve ser amplo e dar a força social para as lutas. O avanço político do movimento social não pode comprometer a sua força popular.

A metodologia libertária para os movimentos sociais: movimentos classistas, horizontais, autônomos, combativos

Assim, para nós, o principal é a unidade em torno da questão concreta. Mas, é preciso também o movimento social partir de uma metodologia libertária. De nada adianta estimularmos movimentos por moradia (questão concreta) se este movimento é pautado simplesmente na dependência de políticos, sem mobilização, luta direta e sem espaço de auto-organização dos sem-tetos.

A metodologia libertária é a constituição de movimentos sociais pautados em reivindicações concretas, classistas (que tenham as classes exploradas como protagonistas, sem alianças com a classe burguesa), horizontais (onde todos o segmento social tenham o poder de decidir os rumos do movimento), autônomos (que não seja preso a políticos, estado ou partidos) e combativos (que tenham a ação direta popular, manifestações, ocupações, boicotes, como a forma de luta central).

A inserção social: identidade em um local geográfico específico

Para que construamos movimentos sociais em torno de uma metodologia libertária e rumo a uma frente de oprimidos revolucionária, a organização anarquista precisa se inserir nos diversos segmentos das classes exploradas. Ela precisa estar presente em todas as frentes de inserção social em que se encontra a nossa classe. A organização anarquista

precisa estar inserida, assim, na frente sindical (locais de trabalho), na frente comunitária (locais de moradia: ocupações, bairros e vilas) e na frente estudantil (locais de estudo: escolas e universidades).

A inserção social não é simplesmente chegar nestes espaços da classe explorada para levar o povo à luta como massa de manobra de nossa organização. Pelo contrário, é construir no cotidiano de cada local de estudo, trabalho e moradia, a identidade com os segmentos de classe daquele lugar. É ser peixe dentro d'água, partilhando do dia-dia daquela realidade, conhecendo e sendo reconhecido como parte dela. E a partir da realidade local e concreta, trilhar os espaços de auto-organização popular e luta destes segmentos.

Assim, cada militante da nossa organização precisa estar inserido no cotidiano de cada local de inserção, fortalecendo movimentos sociais concretos que através de uma metodologia libertária sejam impulsionados para a luta cada vez maior em torno de questões cada vez mais profundas. Movimentos que vão trilhando a sua unidade com outros movimentos do povo e abrindo espaço para a formação de uma frente de oprimidos.

A luta concreta e os valores libertários

Nestes movimentos sociais da classe explorada devemos trilhar de acordo com a realidade a transformação dos valores culturais. Apesar de sabermos que os valores culturais libertários só poderão ser hegemônicos dentro de uma sociedade libertária, precisamos construir em cada movimento social da classe explorada novos valores que guiarão as relações entre a classe oprimida. Neste sentido, valores de solidariedade de classe, de igualdade entre todos, de respeito mútuo, de participação direta e igualitária entre mulheres e homens, de respeito ao meio-ambiente, de protagonismo dos negros, mulheres e homossexuais no processo de luta. É assim no interior das classes exploradas em suas lutas concretas por teto, terra, trabalho, saúde, alimentação, que poderemos ir reconstruindo novos valores de luta e propiciando que em um período revolucionário a nova sociedade tenha os germes da destruição da opressão cultural sobre os povos.

2) Tendência e Corrente

Embora seja um instrumento fundamental da luta popular, a entidade de base não é um instrumento revolucionário sólido e é por isso que precisamos organizar a classe trabalhadora também no nível de tendência.

Primeiro, precisamos compreender o que é a tendência. Depois, compreender suas características básicas e os motivos pelas quais ela é uma organização mais sólida do que a entidade de base.

A tendência é uma organização de militantes populares de uma frente de inserção social (sindical, estudantil ou comunitária) que possui um programa estratégico e tático comum para esta frente. A tendência estudantil, por exemplo, é uma organização de estudantes que partilham um programa em comum para a frente estudantil.

A tendência possui um grau de definição programático maior que a entidade de base. Como diz um documento da FAU: “participar de tendência supõe aceitar um conjunto de definições que podem ser compartilhadas por companheiros de diversas extrações ideológicas, porém, imprescindíveis se se procura alcançar um mínimo de verdadeira coerência operativa.”

Neste sentido, enquanto na entidade de base existe uma diversidade imensa de posições estratégicas e táticas, de forma que ela se divide a partir do momento em que sai das questões econômicas concretas, na tendência já existe uma maior coesão. A unificação não se dá só por questões econômicas, mas também por uma determinada posição estratégica comum.

Outra característica da tendência é que o seu grau de organicidade é maior que o grau de organicidade da entidade de base. Ela aglutina os militantes mais combativos, orgânicos e responsáveis das entidades de base. Seu nível de exigência é, portanto, maior do que o nível de exigência das entidades de base.

Estas características fazem da tendência um instrumento mais sólido para impulsionar a luta popular rumo a uma ruptura. Ela é um instrumento mais coeso, mais orgânico, menos flexível e mais duradouro do que a entidade de base.

O objetivo da tendência é o de fortalecer uma linha para as entidades de base e para a luta popular. A tendência surge no meio das disputas que são comuns nas entidades de base. Os reformistas, os revolucionários autoritários, os revolucionários libertários, todas as forças políticas visam implementar uma linha específica para os movimentos sociais. A tendência é a aglutinação daqueles que têm uma comunhão programática para o movimento social, e se organizam em tendência para melhor impulsionar esta linha.

Não é, portanto, só os anarquistas que se organizam em tendência. Várias forças políticas já construíram tendências para melhor levar a cabo a sua concepção. O objetivo de uma organização política impulsionar a construção de uma tendência é o de fortalecer a sua força no movimento social, visando construir a hegemonia no interior dele. Se os anarquistas em um sindicato, por exemplo, tem força pequena, organizado em tendência com outros militantes não anarquistas que compartilham de um mesmo programa de frente, a força dos anarquistas no sindicato se torna ainda maior.

A tendência, na percepção dos anarquistas se distingue bastante das tendências dos demais partidos. Primeiro, pelo seu caráter e programa, segundo, pela relação entre a organização anarquista e a tendência.

A organização anarquista e a tendência estão em dois planos distintos, porém, não contraditórios. A tendência está em um nível mais profundo e menos amplo do que o nível da entidade de base. Porém, a organização anarquista está em um nível mais profundo e menos amplo do que a tendência.

A tendência possui o mesmo programa de frente que a organização anarquista. Porém, faltam aos militantes da tendência um programa revolucionário geral e um projeto de sociedade anarquista. Na tendência, embora todos devam ter acordo com o programa da frente e portanto com uma estratégia geral e tática para ela, é possível que haja diferentes concepções de sociedade, marxistas, anarquistas, socialistas, e pessoas que não têm claro um projeto de sociedade. A organização anarquista, ao contrário, possui um programa revolucionário que unifica todas as frentes e um projeto de sociedade.

O papel da organização anarquista no interior da tendência é o de possibilitar que a ação de cada tendência em sua frente esteja coordenada com as demais lutas dos oprimidos e que ganhem um rumo revolucionário de caráter anarquista.

O caráter de uma tendência libertária é o caráter horizontal, combativo, autônomo, classista, revolucionário e de ação direta. Este caráter distingue a tendência libertária de todas as demais. Seu programa tem como objetivo a construção de uma nova sociedade pela tática da ação direta popular. Uma sociedade construída pelo protagonismo popular, pela luta dos de baixo e não pelas vias institucionais. Este caráter faz com que o programa de cada frente tenham especificidades que o tornam único.

A relação entre a organização anarquista e a tendência também se difere da maior parte das tendências impulsionados por outras forças políticas. A sua diferença principal está na autonomia. A organização anarquista planeja a atuação da tendência e visa estimular uma programa de ação para ela. Porém, toda a ação só tem um fórum verdadeiro de decisão no interior da tendência. São os membros da tendência, que, coletivamente, a partir da sua organização horizontal, definem todas as posições e ações da tendência que compõem.

A coordenação das tendências em cada frente é o que chamamos de corrente. A corrente é assim uma organização de tendências de diferentes frentes (sindical, estudantil e comunitário). Ela significa um salto na coordenação da luta dos oprimidos. Seu programa unifica os programas de todas as correntes em um programa geral revolucionário.

Caráter da Tendência ou/e Corrente

Como dissemos, a Tendência possui um caráter distinto do movimento social pelo seu grau de aprofundamento político e orgânico. Assim, se exige que a tendência tenha um **PROGRAMA REVOLUCIONÁRIO** para a Frente em que atua, uma coesão interna entre os seus membros, isto é, uma **UNIDADE DE PROGRAMA**. Todos os militantes da tendência compartilham dos mesmos fins e meios para a atuação naquela frente.

A tendência também precisa ter **UNIDADE DE AÇÃO**. Seus militantes atuam em bloco no interior do movimento social visando impulsionar um caráter combativo, horizontal, classista e revolucionário a ele.

Em termos orgânicos, a tendência exige **RESPONSABILIDADE** e **DISCIPLINA** militante, sendo uma organização restrita aos militantes populares que estejam teoricamente e na prática da militância em concordância com o programa da organização, tendo assim, **CRITÉRIOS DE INGRESSO** claros e suas reuniões restritas aos seus militantes.

3) Postura Militante no Nível Social

O militante anarquista deve estar dentro dos movimentos populares assim como peixe dentro d'água. Como diz um documento da FAG (Federação Anarquista Gaúcha), "Os anarquistas não podem ser bichos exóticos ou burocratas de plantão falando um idioma que nenhum trabalhador entende. Temos de ser como nossa gente, nos fazendo entender como os mais simples dos brasileiros. Um militante deve ter a simplicidade de nosso povo, deve falar sua língua e não a complicada linguagem dos revolucionários de gabinete, cheio de conceitos filosóficos-abstratos e todo palavreado que diz representar o pensamento da classe trabalhadora mas que nenhum trabalhador entende."

Um militante deve respeitar a cultura, a religião, as crenças e os comportamentos do lugar onde se insere. Ele deve levar em conta o imaginário popular, pois sabe que ele é um fator importante na luta popular.

Ele deve ser sempre o mais engajado de todos os trabalhadores. Deve ser um estimulador, um exemplo de conduta ética, responsabilidade e disposição de organização e luta.

Mas, ele não pode parecer um simples idealista. Seu engajamento está dentro da realidade concreta que vive junto a cada membro da classe. Compreende os problemas do local que se insere e é capaz de impulsionar organização e luta em torno de necessidades reais e que são sentidas pela classe.

O militante anarquista desenvolve o perfil de aglutinador, planejador, estimulador, organizador, sempre sabendo impulsionar a que os companheiros de classe se formem também e se envolvam como sujeitos do processo de luta e organização.

Assim, o militante anarquista procura sempre no local de inserção, construir, junto com o coletivo, valores de solidariedade, luta, responsabilidade, apoio mútuo, iniciativa, auto-organização, participação, e anseio por uma nova sociedade.

Mais do que tudo, o militante anarquista é capaz de no local de inserção que se insere, fortalecer o programa anarquista, sabendo trazê-lo para a sua luta cotidiana com os critérios que devem ter em cada conjuntura e segmento.

ANEXO 1

Trecho de “El ’66. (pg. 46 a 48).

(...) FAU realiza reuniões para tratar este tema em especial com militantes, simpatizantes e com quem tenha afinidade em algumas propostas gerais consideradas de relevância. Em alguma destas reuniões **participa** o militante sindical têxtil, Hêctor Rodriguez. É o ano em que nossa Organização propõe formalizar uma Tendência no movimento sindical.

Hêctor Rodriguez afirmará sobre o tema da iniciativa de uma reforma popular....

(...) No final de setembro se reúne o Congresso de Unificação Sindical. Se dissolve a CTU e fica já a CNT como único centro unificador do movimento operário.

Os enfrentamentos de duas correntes sindicais se faz patente, a “dos reformistas jogados à carta eleitoral e constitucionalista contra os promotores da luta planejada e em ofensiva do movimento sindical e popular. O “reformismo de esquerda”... **freiou** a ação do movimento sindical (documento interno-historieta”.

Neste marco político social, conseqüente com prioridades fixadas desde anos anteriores, nossa Organização dá o ponta-pé inicial para formalizar um trabalho de Tendência Sindical.

“um mês e meio antes da eleição (o 11 de outubro de 1966) se reúnem para trocar idéias e coordenar sua tarefa um conjunto de militantes sindicais de diversos grêmios e distinta extração, que nos diversos níveis e tarefas do movimento operário haviam estado coincidindo nos últimos anos. **Caucho, têxteis, gráficos, metalúrgicos, bancários, portuários, jornalistas, entre outros**, assistem a esta reunião... pode estabelecer-se que esta reunião da rua Misiones 1280 marca o começo dos trabalhos para a configuração dessa tendência (documento interno-historieta)”.

Segue a continuação do texto da citação para esta reunião.

“montevideú, outubro de 1966.

Estimado companheiro,

Realizado o Congresso de Unificação Sindical convocado pela CNT, nosso movimento gremial entra em uma nova etapa.

Enquanto isso, a situação do país continua se deteriorando e todos sabemos que o fará ainda mais (em todos os aspectos) depois de 28 de novembro.

Sem dúvida ao movimento sindical lhe corresponde neste período histórico uma função sumamente importante.

Todas as forças da reação nacional e internacional, e cada qual a sua maneira, os distintos setores da burguesia, querem impedir que os sindicatos uruguaios cumpram a sua tarefa na luta pela libertação social. Por isso, desde o Estado, desde os patrões, desde a grande imprensa, combatem contra os sindicatos; pretendem regulamentar-los, decretam contra eles medidas de segurança.

A la vez, querem que os sindicatos se dediquem só à coisa econômica imediata do salário, que sejam “apolíticos”, no tenham um programa de transformação nacional e social. Assim, eles, governantes, políticos, fazendeiros, burguesia, instalam tranqüilamente um “governo forte” e ampliam seu poder e seus privilégios.

Desde que todos os sindicatos criaram a Convenção Nacional de Trabalhadores (CNT) em setembro de 1964, se têm enfrentado de maneira unida as intenções da burguesia e o Estado. Por isso, se levantou um programa operário e se aplicou um Plano de Luta.

É a **todas luces** importante prosseguir nesta linha.

Entretanto, como tem ficado evidente na Assembléia Nacional de Sindicatos de janeiro de 1966, e sobretudo, no recente Congresso de Unificação Sindical; desde dentro de algumas direções sindicais se **plantean** orientações e métodos que conspiram contra a unidade para a luta, que travam a luta unida por um programa operário.

Todos sabemos que esse ano, praticamente a CNT não pode aplicar seu Plano de Luta. Todos sabemos os motivos.

O reformismo constitucionalista, expressão de um reformismo geral. A utilização da ação gremial para a coisa eleitoralista. A pouca disposição para encarar qualquer mobilização que vá questionando seriamente o regime capitalista e seus suportes. Os elementos reformistas e eleitoralistas que atuam desde muitas direções sindicais têm atuado desta maneira. A la vez, que desde a reação se ataca os sindicatos, desde o reformismo se conspira – de fato – contra sua unidade para a luta.

Convencidos da necessidade de impulsionar desde cada um de nossos postos de trabalho, a UNIDADE para a LUTA, **luego de intercambiar** idéias na Frente Sindical de FAU, e com companheiros de militância gremial independente, o Secretário de nossa Organização entendeu que é útil propiciar a realização de uma reunião de um núcleo de companheiros de militância independente e afiliados à FAU, que em sua atuação, em distintos níveis, dentro de diversas organizações gremiais, têm envidenciado acordos sobre aspectos importantes da luta sindical.”

A Tendência funcionará durante anos. São muitos os acordos pontuais, sobre temas relevantes, que conseguiu concretizar para traduzir-los em ação. Mais adiante, a chegada da ROE será um grande reforço para esta atividade.

ANEXO II

Sindicato e Tendência, 27 de abril de 1969

A tarefa de fixar objetivos adequados e concretos para a ação dos grupos da tendência combativa se vincula à necessária delimitação do nível preciso de atividade em que aqueles se desempenham. Neste sentido são úteis certas precisões.

Primeiro, convém ter sempre presente que a organização de tendência não equivale à organização gremial, sindical...

Não há sindicato que possa subsistir muito tempo se abandona a defesa do grêmio que agrupa. Defesa do grêmio em geral e de seus interesses em particular, frente aos patrões e autoridades.

... O sindicato está aberto a todos. Entre seus membros estão habitualmente as mais diversas opiniões e orientações políticas e ideológicas e é correto que assim seja. Essas distintas opiniões se confrontam dentro da vida sindical e se o grêmio tem – como deve ser – um tipo de organização que reflète com fidelidade a opinião de seus componentes, é a orientação majoritária que reflète a opinião do sindicato. É necessário e lógico que nestes se ocupem de temas que vão além da preocupação só salarial, da luta econômica. Porém, na medida em que vão - e vem – mais além desta questão surgem as discrepâncias. Sobre métodos, sobre formas de atuar e, as vezes, inclusive sobre programas. E tudo isto é normal.

Se o sindicato cumpre cabalmente sua função primária e básica de defender o grêmio, é necessário que se ocupe destes temas. Porém, aí está o problema – sobre estes assuntos é difícil que haja unanimidade e, portanto, as posições dos sindicatos a respeito podem mudar e de fato mudam, segundo o jogo de maiores que vai se dando nas eleições, assembléias, etc. O sindicato não pode por isso, ser um cimento suficientemente sólido para construir, a partir dele, um movimento revolucionário.

... Por isto se se quer levar sustentadamente adiante uma linha conseqüente de ação combativa a nível de massas, além de atuar sindicalmente, tem que agrupar-se como tendência, a qual implica já um primeiro grau de definição, maior que a sindical.

Participar de tendência supõe aceitar um conjunto de definições que podem ser compartilhadas por companheiros de diversas extrações ideológicas, porém, imprescindíveis se se procura alcançar um mínimo de verdadeira coerência operativa.

Algumas das coisas que planteamos aqui podem parecer óbvias. Entretanto, é útil te-las sempre presentes. Especialmente te-las presentes no momento de atuar, para não recair nos velhos erros... atribuindo às organizações sindicais excessos de ação político-ideológica que o tempo demonstraria que não pode assumir conseqüentemente.

ANEXO III

Sindicatos e Tendência 2, 04 de maio de 1970

“... o fundo mais verdadeiro, a realidade habitual segue sendo esta: defender o salário, as condições de trabalho de todos. E por ser para todos, precisamente, é que em períodos difíceis como o atual, se faz também difícil aos sindicatos, como tais, fazer cargo de um nível mais elevado da luta... Decorre disto a necessidade de que os setores mais combativos, os que chegaram a uma compreensão maior das exigências da hora, se agrupem e se unam a outro nível: o nível de tendência.

Significa isto que deve-se abandonar a atividade sindical? Por suposto que não. Tem que seguir-se atuando nos grêmios, impulsionando a luta até onde seja legítima e possível. Tem que chegar o mais longe que se possa, porém, não tão longe de forma que fique isolado... Nem para frear artificialmente como faz o reformismo, nem para querer levar artificialmente aonde o grêmio não quer ir, como, às vezes, fazem os que se tornam cegos com os seus próprios desejos e não vêem o que as pessoas querem.

Isto não significa que os militantes têm que ser escravos do espontaneísmo das massas. Que tenha que esperar sentado até que as massas se ponham a mover-se para começar também a mover-se. A função do militante é a de promover a luta ativamente... Porém, promover a luta é uma coisa e levar-se por subjetivismo é outra. Para promover realmente lutas, a nível gremial, tem que reivindicar coisas que sejam queridas realmente pelo grêmio... (p. 190).”

A repressão trata de converter aos ‘passivos’ em assustados, aos que são combativos as vezes em ‘passivos’ e assim isolar os setores mais duros. A estes se golpeará então diretamente. O reformismo joga no mesmo sentido e falará contra os ‘aventureiros’ e pedirá ‘direções responsáveis’ para tentar fazer base aproveitando as condições de retrocesso, de frouxidão, criadas pela repressão.

Frente a ação global da repressão generalizada e a atividade coordenada do reformismo... têm-se coordenado os grupos de tendência combativa que hoje constituem uma corrente importante, presente em número crescente de grêmios.

Porém, uma vez concretizada esta corrente a experiência tem demonstrado que suas possibilidades transbordam o marco da atividade estritamente sindical. Tem muita gente nos bairros que não está inserida nos quadros sindicais, porém que está disposta ao combate, que se organiza para lutar. A tendência não pode virar as costas a esta realidade. Apenas iniciada esta sua ação, no campo dela se estende amplamente. Os problemas agudos que o povo padece, as penúrias que impõe a política reacionária e repressiva do governo empurram à luta setores cada vez mais importantes, como único caminho para tratar de impor a satisfação de reivindicações profundamente sentidas. Ao caminho da resistência como única saída. A luta contra os aumentos, abusivos e arbitrários, das tarifas da UTE, demonstrou claramente que este caminho se pode recorrer. Que tem que recorrer-lo. *Porém, isto implica a superação de velhos esquemas, de hábitos negativos, as vezes muito arraigados.* Tem que romper, definitivamente os **prejuízos** isolacionistas, que ...(p. 191 continuar).

Método de Análise de Conjuntura

- Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás

Categorias Fundamentais:

Conjuntura: Manifestação da estrutura e dos agentes sobre esta, em uma determinada realidade durante um período de tempo estipulado (geralmente as análises de conjunturais são feitas no momento em que se vive).

Cenários Conjunturais: É o momento vivido, a partir de um tema conjuntural eleito para a análise, como: a crise política, as eleições, a repressão aos catadores de rua, aumento da passagem de ônibus, entre outros temas de interesse. É preciso definir o lugar da análise: na nossa cidade, micro-região, Estado, Região, Federação, etc. Após isto, definir a análise no tempo, ou seja, descrever quais os acontecimentos que foram se sucedendo no tempo até configurar a situação em que se encontra a conjuntura que vamos analisar.

Objetos em Disputa: é o que está em jogo, sendo disputado a partir do interesse dos agentes, sujeitos ou atores. Estes objetos podem ser: recursos (financeiros, naturais ou humanos) públicos ou privados, opinião pública, votos, leis, meios de produção, cargos, etc.

Agentes: São as associações de pessoas que incidem no nível político (agentes políticos) e político-social (agentes sociais) para atingir a seus objetivos e vontades políticas além dos interesses materiais. Uma idéia mais ampla pode classificar como agente, em diversos níveis: social, político, militar, econômico, jurídico, religioso, cultural, entre outros. Estes âmbitos ou níveis de análise não são totalmente separados e o recorte é apenas para intervenção.

Sujeitos Sociais: São os setores e segmentos da classe como um todo. Dentro destes, incidindo sobre os sujeitos sociais, estão os agentes que os tentam organizar ou controlar.

Ator (es): Podem atuar em vários níveis (ex: político, político-social ou militar, etc.). São os indivíduos que incidem mais que nada a partir de sua perspectiva individual/pessoal. Exemplo clássico é uma liderança cristalizada, tipo chefe político.

Mecanismos de poder: São as táticas empregadas pelos agentes ou atores, ou seja, é a forma como eles jogam em uma determinada conjuntura e expressa os objetivos a serem alcançados naquele tempo sobre o tema conjuntural em questão.

COMO PODEMOS ENCAMINHAR A NOSSA ANÁLISE DE CONJUNTURA DE FORMA CONCRETA?

1) Cenários Conjunturais

- 1) Onde?: Brasil ou/e Goiás
- 2) Tema: Eleição de 2006
- 3) Quais são os acontecimentos que foram se sucedendo no tempo até configurar a eleição de 2006?

2) Agentes

Quem são as forças que atuam nesta realidade e estão disputando algo?

PSTU, PSOL, PT, PSDB, COPOAG, MNCR, MPL, MTL, MST, IGREJA EVANGÉLICA E CATÓLICA, etc.

3) Objetos em Disputa

O Que está sendo disputado por cada um dos agentes?

(Ex: cargos, controle do poder de estado, opinião pública, referência como a força esquerda, etc.)

4) Mecanismos de Poder

Quais são as táticas de cada uma dos agentes para alcançar o objeto que disputam?

*** Qual a nossa posição frente a essa conjuntura?**

1) Os agentes:

- 1.1. Político: COPOAG
- 1.2. Social: MNCR, MPL, RESISTENCIA FEMININA, CA DE HISTÓRIA
- 1.3. Político Social: RESISTÊNCIA POPULAR

2) Objetos de Disputa (o que queremos alcançar)

3) Mecanismos de Poder (táticas para alcançarmos).